

Ponto de Vista

Motrivivência Ano XVI, Nº 22, P. 137-143 Jun./2004

EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER NA NATUREZA: preservação, modismo, apologia. Será tudo isso?

Disalda Mara Teixeira Leite ¹
Carlos Alberto Caetano ²

Resumo Abstract

O texto constitui uma opinião elaborada com base em diversas leituras e discussões travadas no âmbito das ciências sociais e da militância ambientalista. Seu foco básico se fundamenta na contestação do questionamento desse Ponto de Vista, que impregnado de uma prática neopositivista estabelece, na nossa opinião, Educação Física, Esporte e Lazer na natureza como conceitos dissociados da Educação Ambiental. Trazemos a reflexão da desconstrução de um estereótipo a serviço de uma sociedade capitalista e na importante

The text constitutes an elaborated opinion on the basis of various readings and discussions happened in the scope of social sciences and the environmentalist militancy. Its center of interest has based on the plea of the questioning of this Point of View, that impregnated of one practical neopositivista establishes, in our opinion, Physical Education, Sport and Leisure in the nature as broken up concepts of an Ambient Education. We bring the reflection of the deconstruction of one stereotype the

construção de um saber ambiental, onde o Homem deve ser visto como um ecossistema dentro da Natureza, também natureza e nunca a natureza como uma externalidade ao ser humano.

Palavras-chave: ecossistema – educação ambiental - natureza

service of a capitalist society and in the important construction of one to know environmental, where the Man must be seen as an ecosystem inside of the Nature, also nature and never the nature as something outside of the human being.
Key-words: ecosystem - ambient education - nature

NÃO. Não é tudo isso. Acreditamos que é muito mais que isso. Da forma que a questão está colocada, Educação física, Esporte e Lazer na natureza são atividades vistas de um modo muito reducionista, podemos dizer que até um tanto quanto neopositivista. Afinal, sugere, ainda que no subtexto, a razão construindo um castelo de areia de questionamentos ideológicos à beira-mar: seria preservação, seria modismo, seria apologia, sempre de forma afirmativa para somente então interrogar: Será tudo isso?

Vamos aos fatos: estamos falando do planeta onde vivemos e do ser humano inserido neste contexto e exercendo algumas atividades culturais tais como praticar educação física, esporte e lazer. Que nos desculpem os neopositivistas, mas não tem como estabelecer essas práticas se não for na natureza. O Homem tem que ser visto dentro da natureza e não a natureza como uma externalidade ao ser humano. Um ponto que consideramos pertinen-

te esclarecer é que o ser humano também é natureza e como tal é um ecossistema, um ecossistema humano. Por isso dizemos não, não é tudo isso porque é muito mais que isso.

Morin (2003) abre a possibilidade de compreendermos o ser humano como um ecossistema. Um ecossistema aberto.

Uma [...] idéia importante que a teoria dos sistemas revelou foi a idéia "bertalanffyana" de sistema aberto. O que é um sistema aberto? É um sistema que está aberto energética e, às vezes, informacionalmente para o universo externo, ou seja, pode alimentar-se de material/energia e até de informação. Ora, todo sistema que trabalha tende, em virtude do segundo princípio da termodinâmica, a dissipar sua energia, degradar seus constituintes, desintegrar sua organização e, portanto, desintegrar-se. É, portanto, necessário à sua existência - e, quando se trata de um ser vivo, à sua vida - que ele possa alimentar-se, isto é, regenerar-se, extraindo do externo a matéria-energia de que precisa. (MORIN, 2003. p. 281).

As práticas de esportes e lazer devem funcionar, portanto, como alimento de nossas células, de nossos organismos, de nossos corpos que, como ecossistemas abertos, vai alimentar a nossa autonomia, ainda que dependente em relação ao meio externo. É essa autonomia que vai possibilitar a construção do nosso conhecimento, a construção do saber ambiental.

A educação que nos interessa não é a educação física, nos moldes do esteticismo grego, nem é uma educação física nos moldes romanos, como preparação para a guerra imperial. De maneira geral, a educação que interessa à humanidade, nesse raio do século XXI, é a educação ambiental. E por favor, é fundamental que criticamente não pensemos em educação ambiental como ir e/ou levar nossos alunos para passear nos parques da vida, fazer caminhada carregando girassóis de papel crepom, plantar uma árvore ou coisas como tais. Falamos de educação ambiental como construção de um saber ambiental, que começa – obrigatoriamente – pelo respeito, porque possui psiquê.

Mais uma vez, os neopositivistas que nos perdoem. Nosso ataque centrado nos neopositivistas deve-se ao fato de que a academia está cheia deles e há até os que se orgulham de ser cartesianos. Existe algo mais cartesiano do que a visão

de educação física como a construção de corpo são e mente sã? Existe algo mais neopositivista do que pensar lazer na natureza, como se fosse possível fazer lazer em outro lugar? A razão positiva insiste em ver o homem como uma externalidade à natureza.

Esclarecido esse primeiro aspecto conceitual sobre a formulação proposta por esse ponto de vista, voltemos um pouco à formulação do saber ambiental, formulada por Enrique Leff e que adotamos como marco referencial de nossa resposta. A construção do saber ambiental é multi e metadisciplinar a qualquer atividade do ser humano. E tem que estar necessariamente ancorada numa nova visão de educação ambiental.

O saber ambiental, segundo Leff (2002), problematiza o conhecimento fragmentado em disciplinas e a administração setorial do desenvolvimento, para constituir um campo de conhecimentos teóricos e práticos orientados para a rearticulação das relações sociedade-natureza. É disso que estamos falando quando propomos uma releitura sobre as práticas de esportes e lazer isoladas, fragmentadas como atividades desvinculadas da relação homem-natureza onde o ser humano aparece como uma externalidade.

O saber ambiental emerge do espaço de exclusão gerado no desenvolvimento das ciências, centradas em seus objetos de conhecimento, e que produz o desconhecimento de processos complexos que escapam à explicação dessas disciplinas. Exemplo disto é o campo de externalidades no qual a economia situa os processos naturais e culturais, e inclusive a inequitativa distribuição de renda e a desigualdade social gerada pela lógica do Mercado e pela maximização de benefícios a curto prazo. (LEFF, 2002, p.145,146).

Ao abordarmos questões sobre prática de esportes, lazer e entretenimento devemos nos perguntar sempre se estas práticas estão acessíveis à maior parte da população, aos segmentos mais excluídos, ou são apenas privilégios de uma minoria. O saber ambiental tem que incluir estas práticas na sua objetivação prática.

Podemos tomar como ilustração a educação física no sentido restrito, de boas práticas corporais. Ora, basta sair na rua de qualquer cidade para ver que os ecossistemas humanos estão sendo vítimas de verdadeiras "voçorocas" causadas pela enxurrada da poluição alimentar: a "voçoroca" da obesidade, que nos próximos anos vai transtornar todo o sistema de saúde mundial. De acordo com Genebaldo Freire

(2002), o mundo tem 1,2 milhões de pessoas obesas e em 2000 foram realizadas 400.000 lipoaspirações. O homem está criando padrões de consumo insustentáveis. Mas o que é a epidemia da obesidade senão a falta de educação ambiental sobre o ecossistema humano?

Vamos agora falar um pouco sobre a visão de esporte que a proposta sugere, num contexto de esporte como lazer. Trata-se de uma confusão de conceitos. Esporte implica em disputa, competição, vencedores. Não é sem razão que o templo mundial dos esportes surge na Grécia com as Olimpíadas no ano de 776 a.C. Lá, a prática dos esportes excluía as mulheres e os homens exibiam seus corpos nus. Essa é a matriz ocidental da prática esportiva. É desse esporte que estamos falando? Não.

Aqui pretendemos ver o esporte como prática social, inserido no contexto das comunidades mais carentes e que têm na prática esportiva – talvez – a melhor porta para um projeto de educação ambiental e construção do conhecimento. Porque o esporte possibilita o crescimento de cada pessoa no plano das inter-relações pessoais, da experiência do trabalho em grupo e da própria socialização, sem falar na construção de comportamentos éticos de respeito ao outro.

Agora chegamos à formulação sobre o lazer. Não podemos pensar em lazer fora de um contexto de luta de classes, motivo pelo qual pedimos socorro ao materialismo dialético. Não existe lazer sem sistema produtivo, faces diferentes de uma mesma moeda e, por falar em moeda, só existe lazer quando equacionado no universo do sistema capitalista.

Lazer, produção, consumo, classe dominante, dinheiro. Podemos pensar em lazer para as classes D e E ou elas não têm direito ao lazer e, conseqüentemente, são excluídas porque ainda permanecem "escravas" do sistema. Ou, como cidadãos e também educadores, teremos a capacidade de educar um novo homem para viver numa sociedade mais sábia? Voltamos à relação dialética entre educação ambiental e saber ambiental.

O homem desenvolve atividades socioeconômicas numa relação predatória com a Natureza, gerando assim, inúmeros problemas ambientais como poluição do ar – necessário imediato à nossa sobrevivência, degradando o solo – nossa principal fonte alimentar e contaminando a água – líquido vital para os seres humanos. Estupidamente, o homem não se conscientiza que depende de uma base ecológica para sustentação da vida e preservação da espécie.

O mesmo rio que serve para o Esporte e Lazer é depósito de diversos resíduos como exemplo do mercúrio que comprovadamente já gerou crianças sem cérebro e cegas, dentre outras anomalias, por meio da cadeia alimentar. No mesmo rio que nadam peixes, nadam homens e é nessa realidade que a Educação Física, Esporte e Lazer, de forma concreta, nada fazem.

As grades curriculares dos Cursos de Educação Física, não contemplam de forma efetiva o estudo sobre Meio Ambiente. Será tudo isso? Sim. A academia é também mantenedora do analfabetismo ambiental e ressaltamos que o saber ambiental não se restringe à Ecologia.

Nessa perspectiva, não podemos desconhecer o que Lévy (2002) chama de ecologia cognitiva ao falar das particularidades sensoriais e intelectuais da espécie humana, pois as práticas esportivas e o lazer estão inscritos no universo de tecnologias intelectuais que se cristalizam há séculos em torno de agentes semióticos diversos. Vivemos um tempo em que práticas relegadas a um papel secundário na construção do conhecimento estão emergindo na forma de uma ecologia cognitiva, por mais estranho que isso nos possa parecer.

É grande a tentação de condenar ou ignorar aquilo que nos

é estranho. É mesmo possível que não nos apercebamos da existência de novos estilos de saber, simplesmente porque eles não correspondem aos critérios e definições que nos constituíram e que herdamos da tradição. (LÉVY 2002, P.117).

O Meio Ambiente não compreende apenas fauna e flora, também é formado por fatores abióticos, bióticos e pela cultura humana (paradigmas, princípios éticos, valores filosóficos, políticos, científicos, artísticos, econômicos, sociais, religiosos, etc.). E nesse momento, não podemos deixar de registrar a incoerente postura de descaso e indiferença ao Protocolo de Kyoto, mantida pelos Estados Unidos – um dos maiores poluidores do planeta. Talvez possamos substituir preservação, modismo, apologia por Consumismo, Opulência, Desperdício, Exclusão, Degradação. É tudo isso e muito mais.

Finalmente, consideramos que a proposta de compreensão do ser humano como um ecossistema aberto e a necessidade de construção de um novo saber, o saber ambiental, tendo como ponto de partida a educação ambiental, surgem como esboços da construção de um novo paradigma que indicam o surgimento de uma crise no conhecimento científico. Não podemos, diante disso, recusar a contribuição

de Thomas Kuhn (2003), o maior especialista no assunto:

Quando tais crises surgem, o cientista não está, bem entendido, tão bem preparado. Embora as crises prolongadas dêem margem a práticas educacionais menos rígidas, o treino científico não é planejado para produzir alguém capaz de descobrir facilmente uma nova abordagem para os problemas existentes. Mas enquanto houver alguém com um novo candidato à paradigma – em geral proposta de um jovem ou de um novato no campo – os inconvenientes da rigidez atingirão somente o indivíduo isolado. (THOMAS KUHN, 2003, p. 210).

O sentido de escrever esse ponto de vista é declarar que não estamos sós. Agora que você acabou de ler, pode estar junto para ajudar na solução desse quebra-cabeça que exige de todos nós educadores - sejamos ou não da Educação Física, ir muito além do juntar peças e sim, ser capaz de sentir, pensar e refletir o quanto representa essa provocação feita em sua totalidade. Sim, afirmamos que na verdade, é tudo isso e muito mais comprometimento por parte dos Educadores que estejam dispostos a agir de forma inteira e, com responsabilidade, transformar a realidade em todas as áreas do conhecimento. Insistimos que é responsabilidade do homem, alcançar novos comportamentos e atitudes

que, com certeza, só surgem com base na observação da natureza, onde tudo nasce, cresce, envelhece e morre.

Referências

- DIAS, Genebaldo Freire, Iniciação à temática ambiental. São Paulo: Gaia, 2002.
- LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 2a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. 12a. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2002.
- KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 8a. ed. Rev. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 7a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.
- STIGGER, Marco Paulo. Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

Contatos: disalda@ufba.br

Recebido: dez/2004

Aprovado: fev/2005